

DAN JONES

AUTOR DE *HENRIQUE V E CRUZADOS*

TEMPLÁRIOS

A ASCENSÃO e QUEDA
dos GUERREIROS
SAGRADOS de DEUS

«Uma história
rigorosa e cativante
da maior ordem
militar religiosa
das Cruzadas.»

SIMON SEBAG MONTEFIORE,
autor *bestseller*



Para Georgina

ÍNDICE

Nota do autor	9
Mapas	11
Introdução	19

PARTE I: PEREGRINOS, *c.* 1102–1144

1 «Uma Bacia Dourada Cheia de Escorpiões»	31
2 «A Defesa de Jerusalém»	47
3 «Uma Nova Classe de Guerreiros»	61
4 «Toda a Boa Dádiva»	79

PARTE II: SOLDADOS, 1144–1187

5 «Um Torneio entre Céu e Inferno»	99
6 «O Moinho da Guerra»	117
7 «A Torre Maldita»	129
8 «Poder e Riquezas»	143
9 «Problemas nas Duas Terras»	157
10 «Lágrimas de Fogo»	171
11 «Ai de Ti, Jerusalém!»	193

PARTE III: BANQUEIROS, 1189–1260

12 «A Busca da Fortuna»	223
13 «Em Nenhum Lugar Vivem na Pobreza»	249
14 «Damietal!»	265
15 «Animosidade e Ódio»	289
16 «Desfraldai e Levantai o Nosso Estandarte!»	309

PARTE IV: HEREGES, 1260–1314

17 «Um Nó na Garganta»	333
18 «A Cidade Cairá»	353
19 «Na Incitação do Diabo»	369
20 «Depravação Herética»	393
21 «Deus Vingará a Nossa Morte»	411
Epílogo: O Santo Graal	441

APÊNDICES

Apêndice I: Lista das Personagens Principais	453
Apêndice II: Papas, 1099–1334	461
Apêndice III: Reis e Rainhas de Jerusalém	463
Apêndice IV: Mestres da Ordem do Templo	465
Notas	467
Bibliografia	501
Índice Remissivo	517

NOTA DO AUTOR

A história dos Templários transporta-nos através do tempo, terras e culturas. Algumas destas serão familiares aos leitores ocidentais, outras, nem por isso. A nomenclatura para pessoas e lugares varia de forma significativa entre as línguas inglesa, francesa, alemã, espanhola, italiana, latina, grega, árabe, turca e qualquer língua que fosse usada durante o período de tempo que este livro cobre, e a ortografia com frequência carece de consistência nas fontes originais.

Traduzir nomes árabes e turcos para inglês é um desafio. Não há uma fórmula única para o fazer, nem um acordo incontestável sobre a melhor maneira de escrever em inglês até um nome tão importante como Muhammad, quanto mais os nomes de indivíduos menos famosos. Ao escrever este livro, dei por mim constantemente a fazer escolhas, com frequência de forma arbitrária.

Por exemplo, Salah al-Din Yusuf ibn Ayyub, o grande sultão curdo do Egito e da Síria e flagelo dos Templários, é mais conhecido para a maioria dos leitores ocidentais pelo seu pseudónimo cruzado significativamente reduzido de Saladino. Salah al-Din é por vezes considerada atualmente a ortografia mais sensível, mas não teria sido tão claro a quem me referia. Por isso, chamei-o de «Saladino». Porém, chamei ao seu irmão menos conhecido e sucessor Al-Adil, em vez de Safadino, de acordo com a moderna convenção académica, em detrimento dos cronistas cristãos medievais.

Nem todos os casos são tão evidentes. Como nomeamos o império estabelecido pelo povo turco nas estepes, que cavalgaram

sobre Bagdade em 1055 e que detinham muita da Terra Santa quando os cruzados chegaram algumas décadas mais tarde? Podemos translinear o árabe e obter «Saljuq», ou traduzir o turco para «Selcük». Há outras variantes populares que incluem «Seljuk» e «Seljuq». Em casos como este, em que há tantas opções plausíveis mas nenhuma mais óbvia sobre as outras, recorri a *The New Encyclopedia of Islam* para orientação (refere Seljuq). Também pedi ajuda ao professor Paul M. Cobb; como sempre, deu-me conselhos sensatos, pelos quais estou grato. As iliteracias que restam são da minha inteira responsabilidade.

Outras escolhas: decidi não incluir as marcações por vezes usadas na transliteração de árabe para o alfabeto romano, pois estas são muitas vezes mais uma distração do que uma ajuda para os leitores num texto que não foi escrito apenas para referência académica. Traduzi de forma consistente os nomes da maior parte dos personagens deste livro para a sua forma padrão em inglês.

Em muitos casos, modernizei ou pelo menos atualizei o nome de lugares para maior clareza; assim, no capítulo 1, Joppa torna-se Jafa (embora a povoação que descrevo seja atualmente encontrada em Tel Aviv-Jafo). Cairo foi substituída pelo termo cruzado arcaico de Babilónia. Contudo, em muitos casos, a modernização seria inapropriada, razão pela qual refiro Constantinopla em vez de Istambul.

No caso de povoações de cruzados na Terra santa, há por vezes três ou mais nomes possíveis para o mesmo lugar. A grande fortaleza templária de Acre (atual Akka) era conhecida pelos homens que a construíram como Castel Pèlerin. Hoje, os estudiosos chamam-lhe «Atlit» ou «Athlit». Mas optei por modernizar o francês e chamar-lhe Château Pèlerin, indicando «Atlit» em parêntesis na primeira referência e ocasionalmente depois disso.

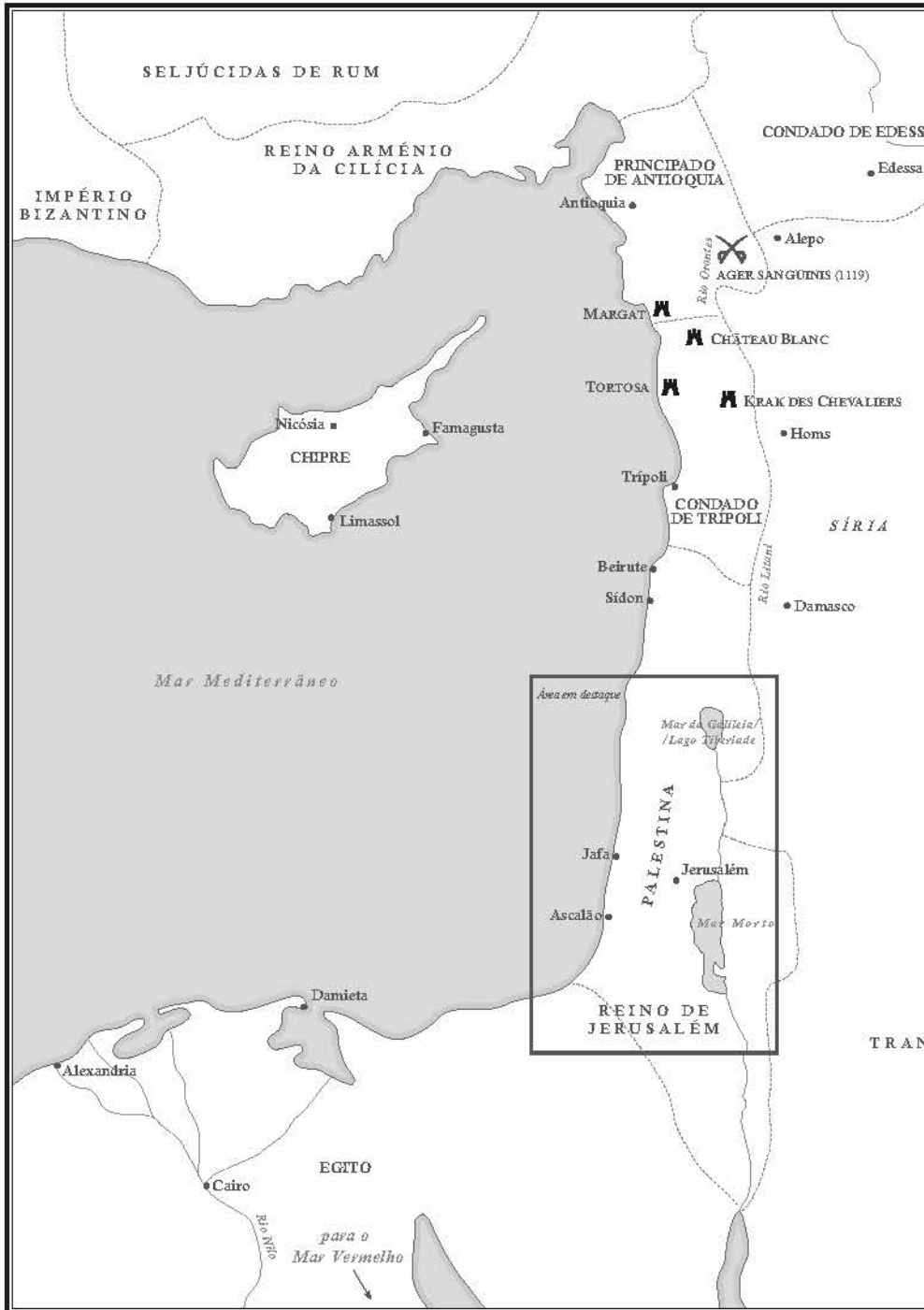
Nada disto se assemelha a um sistema, exceto para dizer que procurei a legibilidade em vez da consistência. Por vezes posso não ter alcançado nenhuma: posso apenas apelar à sua paciência e compreensão.

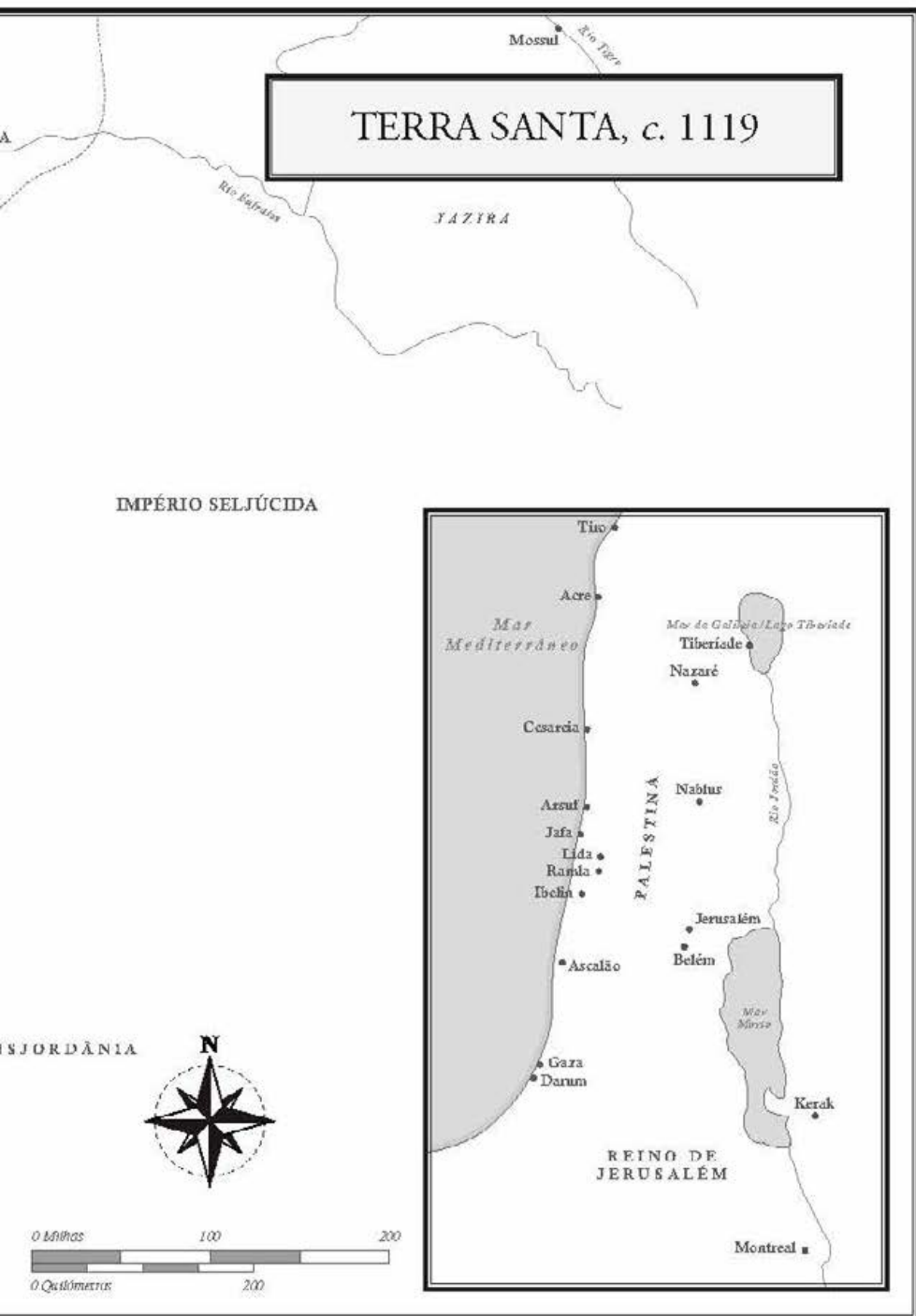
MAPAS

Europa e Terra Santa, <i>c.</i> 1119	12
Terra Santa, <i>c.</i> 1119	14
A viagem de Saewulf, <i>c.</i> 1102	34
Propriedades templárias na Europa ocidental, por volta	
da Segunda Cruzada, <i>c.</i> 1147	92
A Segunda Cruzada, 1148–1149	107
Castelos templários no leste Latino	150
As conquista de Saladino até 1190	185
Jerusalém no século XII	219
Palestina e Sul da Síria	263
Damieta e a Quinta Cruzada	275
Mongóis e Mamelucos, <i>c.</i> 1260–1291	344
Acre em 1291	358









«Não penseis que vim trazer a paz à Terra;
Não vim trazer a paz, mas a espada.»

MATEUS 10:34

INTRODUÇÃO

Os Templários eram soldados sagrados. Homens de religião e espada, peregrinos e guerreiros, mendigos e banqueiros. Os seus uniformes, adornados com uma cruz vermelha, simbolizavam não só o sangue que Cristo derramara pela humanidade, mas também o que estavam preparados para espalhar em nome do Senhor. Ainda que os Templários tenham sido apenas uma das muitas ordens que se estabeleceram na Europa medieval e na Terra Santa entre os séculos XI e XIV, foram de longe a mais conhecida e mais controversa.

Esta ordem foi um produto das cruzadas, as guerras instigadas pela Igreja medieval que visavam, acima de tudo, ainda que não de forma exclusiva, os governantes islâmicos da Palestina, Síria, Ásia Menor, Egito, noroeste de África e Espanha meridional. Desta forma, os Templários podiam ser encontrados numa extensa faixa do mundo mediterrâneo e mais além: nos campos de batalha do Próximo Oriente e em cidades e aldeias por toda a Europa, onde geriam grandes propriedades que financiavam as suas aventuras militares. A palavra Templários — forma abreviada para Os Pobres Cavaleiros do Templo ou, com menos frequência, Os Pobres Soldados de Cristo e do Templo de Jerusalém — indicava as suas origens no Monte do Templo da cidade mais santa do cristianismo. Mas a sua presença sentia-se praticamente em todo o lado. Mesmo na sua época, os Templários eram figuras semilendárias, que figuravam em contos populares, obras de arte, baladas e histórias.

Foram parte da paisagem mental das cruzadas — uma posição que ocupam ainda hoje.

A Ordem dos Templários foi fundada em 1119, baseada nos princípios de castidade, obediência e pobreza — o último dos quais imortalizado no selo oficial do mestre, que mostrava dois irmãos armados partilhando um mesmo cavalo —, mas a ordem rapidamente se tornou rica e influente. Altos oficiais dos Templários na Terra Santa e no Ocidente contavam entre os seus aliados (e inimigos) com reis e príncipes, rainhas e condessas, patriarcas e papas. A ordem ajudou a financiar guerras, emprestou dinheiro para pagar resgates de reis, subcontratou a gestão financeira de governos reais, cobrou impostos, construiu castelos, arrasou cidades, criou exércitos, interferiu em disputas comerciais, envolveu-se em guerras privadas contra outras ordens militares, levou a cabo assassinatos políticos e até chegou a apoiar homens a se tornarem reis. Partindo de raízes humildes, tornaram-se poderosos como nenhuma outra organização que alguma vez existiu durante a Idade Média.

No entanto — talvez estranhamente —, os Templários tiveram também apoio popular. Para muitos, não eram elites distantes, mas sim heróis locais. As orações que os irmãos não-combatentes faziam nos seus templos por essa Europa fora eram tão importantes como os sacrifícios dos cavaleiros e dos oficiais templários no campo de batalha, e ambos eram fulcrais na procura da salvação celestial para todos os cristãos. Alguma da riqueza da ordem provinha do mecenato da nobreza mais devota, mas também de pequenos donativos de homens e de mulheres comuns, que ofereciam o pouco que tinham à congregação local — um casaco aqui, um cesto de vegetais ali — de modo a ajudar a financiar a missão militar da ordem no Oriente.

Claro que houve dissidentes. Para alguns observadores, a ordem tornava-se perigosa por não ter de prestar contas a ninguém e por ser uma deturpação dos supostos princípios pacíficos do cristianismo. Por vezes, os Templários eram objeto de críticas ferozes, particularmente de eruditos e monges que duvidavam do seu estatuto privilegiado: protegidos pela autoridade do papa e isentos

dos impostos e das regras exigidos a outros grupos religiosos. Bernardo de Claraval — uma espécie de padrinho da ordem — aclamou os Templários como «uma nova classe de guerreiros», mas um século depois outro conhecido monge francês apelidou-os de «uma nova monstruosidade».

Contudo, a súbita dissolução da ordem no início do século XIV, que incluiu detenções maciças, perseguições, tortura, julgamentos falseados, mortes em grupo na fogueira e a apreensão de todos os bens dos Templários, chocou a cristandade. Em poucos anos, a ordem foi suspensa e dissolvida, os seus membros acusados de uma lista de crimes especificamente elaborada para causar revolta e repulsa. O fim aconteceu de forma tão súbita e violenta que tornou a ordem ainda mais lendária. Hoje, mais de 700 anos após a sua dissolução, os Templários continuam a ser objeto de fascínio, imitação e obsessão.

Quem eram, então, os Templários? Por vezes é difícil dizer. Os Templários têm sido tema de numerosas obras de ficção, programas televisivos e filmes, em que são apresentados de formas tão diferentes: heróis, mártires, bandidos, agressores, vítimas, criminosos, perversos, hereges, subversivos depravados, guardiões do Santo Graal, protetores da linhagem secreta de Cristo e agentes de uma conspiração global capazes de viajar no tempo. No campo da história «popular», existe uma pequena indústria que insiste em expor «os mistérios dos Templários» — sugerindo o seu papel em algum enredo para esconder os segredos obscuros do cristianismo, e insinuando que a ordem medieval ainda existe, manipulando o mundo a partir das sombras. Estas teorias são divertidas, porque nada disto tem muito que ver com os próprios Templários.

Este livro procura contar a história dos Templários tal como foram, não como a lenda com que são caracterizados até aos dias de hoje. O meu objetivo não é desmistificar ou mesmo entrar nos temas mais extravagantes da mitologia templária, mas é, mais precisamente, mostrar que as suas ações foram ainda mais extraordinárias do que as histórias romanescas, meias-verdades e teorias

da conspiração que têm circulado à volta do tema desde que a ordem acabou. Acredito que, ainda hoje, os temas da história templária ecoam poderosamente. Este é um livro sobre uma guerra aparentemente interminável na Palestina, na Síria e no Egito, onde facções de muçulmanos sunitas e xiitas entraram em colisão com invasores cristãos combatentes do Ocidente; sobre uma organização «globalizada» e livre de impostos que se tornou tão rica que chegou a ser mais poderosa do que alguns governos; sobre a relação entre finanças internacionais e geopolítica; sobre o poder da propaganda e da criação de mitos; sobre violência, deslealdade, traição e ganância.

Os leitores dos meus livros sobre a Inglaterra plantageneta não ficarão surpreendidos ao ver que esta é uma narrativa histórica. Conta a história dos Templários desde a sua criação até à sua dissolução, explorando a natureza mutante da ordem, a sua expansão pelo Próximo Oriente e Europa, e o papel que desempenharam nas guerras medievais entre exércitos cristãos e as forças do islão. Apresentei o texto com notas detalhadas e uma bibliografia que remete os leitores para um vasto leque de fontes originais e estudos académicos, mas não me desviei da minha ambição habitual, que é escrever um livro que entretém ao mesmo tempo que informa.

Para orientar os leitores através de dois séculos, desde o banal nascimento da ordem até à sua impressionante aniquilação, dividi o livro em quatro partes. A primeira, «Peregrinos», descreve as origens dos Templários no começo do século XII, quando foram fundados como uma ordem de guerreiros religiosos cristãos pelo cavaleiro francês Hugo de Payens e (como se saberá mais à frente) oito dos seus companheiros, que procuravam uma missão em Jerusalém no turbulento rescaldo da Primeira Cruzada. A intenção inicial deste pequeno grupo era formar uma escolta permanente para os peregrinos que seguiam as pegadas de Cristo nas estradas perigosas da Terra Santa. Assumiram o seu papel com a ajuda de um grupo de médicos voluntários que fundaram um hospital em Jerusalém por volta de 1080, conhecido como Hospital de São João ou Hospitalários. Tendo recebido aprovação do rei cristão de

Jerusalém e a bênção papal de Roma, os Templários rapidamente se institucionalizaram e expandiram. Estabeleceram a sua sede na Cidade Santa, na Mesquita de Al-Aqsa, no Monte do Templo (conhecido pelos muçulmanos como Haram al-Sharif), enviaram emissários para a Europa para recrutar homens e conseguir apoio financeiro, e procuraram patronos famosos. O seu guia espiritual era Bernardo de Claraval, que os ajudou a escrever a sua Regra, e os seus primeiros apoiantes incluíam os líderes cruzados da época, como o antepassado plantageneta Fulco, conde de Anjou, que — com uma pequena ajuda dos Templários — se tornou rei de Jerusalém. Em duas décadas, os Templários já não eram nove pobres guerreiros em busca de uma causa: eram uma organização ambiciosa com um objetivo claro e meios para o atingir.

A segunda parte do livro, «Soldados», mostra como os Templários se transformaram, de uma equipa que prestava apoio aos peregrinos, numa unidade militar de elite na linha da frente das Cruzadas. Descreve o papel crucial dos Templários na Segunda Cruzada, quando ajudaram a conduzir, não um punhado de peregrinos, mas um exército inteiro do rei de França através das montanhas da Ásia Menor, levando-os em segurança até à Terra Santa, resgatando o seu comandante falido e lutando, depois, na linha da frente, enquanto os cruzados tentavam conquistar Damasco, uma das maiores cidades do mundo islâmico. A partir deste momento, os Templários tornaram-se agentes proeminentes na história política e militar dos Estados cruzados cristãos (o reino de Jerusalém, o condado de Trípoli e o principado de Antioquia). Esta parte do livro segue os Templários enquanto edificaram uma rede de castelos, desenvolveram uma série de protocolos militares e adquiriram competência institucional para levar a cabo a sua tarefa. Inclui, ainda, algumas das mais extraordinárias figuras da história das cruzadas: o devoto mas infeliz Luís VII de França; o orgulhoso mas suicida grão-mestre templário Geraldo de Ridefort, que conduziu os exércitos de Deus para uma batalha apocalíptica em Hattin, em 1187; o rei leproso de Jerusalém, Balduíno IV; e o mais famoso sultão muçulmano que alguma vez viveu, Saladino,

que tomou como sua a missão de varrer do mapa os cruzados e que acompanhou pessoalmente a execução de centenas de cavaleiros templários num só dia.

A terceira parte denomina-se «Banqueiros» e analisa como a Ordem do Templo evoluiu de uma força de apoio às cruzadas apoiada por donativos do Ocidente até se tornar uma instituição que combinava capacidade militar com uma vasta rede de propriedades e de recursos humanos espalhada por toda a cristandade, e que ligava o Ocidente cristão à zona de guerra oriental num momento em que o fervor das cruzadas começava a esmorecer.

Tendo sido praticamente arrasados, enquanto força guerreira, por Saladino, os Templários reergueram-se na década de 1190 com o auxílio de um brilhante, brutal e famoso rei de Inglaterra, Ricardo *Coração de Leão*, cuja confiança e dependência nos principais oficiais dos Templários sugeriu a direção que a ordem tomaria durante o século XIII. Protegidos pelo beneplácito régio, que foi rapidamente imitado por nobres e autoridades urbanas, os Templários aumentaram as suas terras, expandiram o seu portefólio de propriedades e conseguiram lucrativas vantagens fiscais. Tornaram-se incrivelmente ricos e financeiramente sofisticados e, em breve, papas e reis encarregaram-nos da gestão contabilística, da guarda do tesouro, da organização de guerras e, em tempos de crise, do pagamento de resgates.

Houve certamente muitos desses períodos e, na terceira parte, vemos ainda os Templários bastante empenhados nas guerras contra o islão. Dois grandes ataques à cidade egípcia de Damietta foram viabilizados pelos conhecimentos financeiros dos Templários. Ambos os ataques resultaram em caos, com os cavaleiros e oficiais da ordem a lutarem em desesperadas ações de retaguarda nos pântanos insalubres de um Nilo transbordante. Tal como os Templários descobriram, angariar e organizar fundos para guerras era uma coisa; mas combater em longas campanhas em longínquos territórios desconhecidos, contra inimigos que conheciam melhor as condições era outra bastante diferente.

A EXTRAORDINÁRIA HISTÓRIA DA MAIS RICA, PODEROSA E SECRETA ORDEM MILITAR

Jerusalém, 1119: após a violência da Primeira Cruzada, um pequeno grupo de cavaleiros decide fundar uma nova ordem religiosa — a Ordem do Templo —, com o objetivo de proteger os peregrinos cristãos nas viagens à Terra Santa. Ao longo dos dois séculos seguintes, os Templários tornaram-se a ordem religiosa mais rica e poderosa da cristandade. Até que um rei invejoso os acusou de heresia e blasfémia.

Dan Jones, historiador medieval e autor de *Henrique V*, apresenta, numa prosa elegante e fiel, a trajetória destes guerreiros sagrados cristãos. Protegidos por papas e fazendo votos de celibato, combateram os infiéis nas colinas onde Jesus viveu e morreu, encontrando a sua némesis em Saladino, que jurou expulsar todos os cristãos das terras do Islão. Especialistas em canalizar dinheiro através das fronteiras, estabeleceram a maior e mais inovadora rede bancária do mundo medieval e travaram guerras privadas contra qualquer um que ameaçasse os seus interesses.

Esta é uma história épica de guerra, religião, dinheiro e poder, num enredo em que se opõem cristãos e muçulmanos, papas e imperadores, ricos e pobres, fiéis e infiéis, cujo desfecho surpreendente, em 1312, constitui um dos momentos mais fascinantes da época medieval, contribuindo para a lenda que perdura até aos nossos dias.

«Quando se trata de empolgantes narrativas históricas,
Dan Jones praticamente não tem quem lhe faça frente.
Nos Templários ele encontra o tema perfeito.»

The Sunday Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt
f penguinlivros

ISBN: 978-989-569-204-4



9 789895 892044